



ATENDIMENTO ESPECIALIZADO EM ESPORTE ADAPTADO NA CIDADE DE ITABIRA: DISCUTINDO A INICIAÇÃO ESPORTIVA SOB A ÓTICA DA INCLUSÃO

Márcio Alves Evangelista¹

Anderson José de Oliveira²

RESUMO

Dentro do ambiente da Educação Física e na sociedade, é comum a valorização de conceitos vinculados à eficiência, como possuir um corpo forte, veloz e flexível. Sendo assim, o que pensar daqueles indivíduos que fogem desse estereótipo? Será que tais conceitos se aplicam no ambiente escolar para todas as pessoas que ali estão? Tendo em vista esse cenário, objetivamos dar visibilidade para a experiência de professores que atuam, em seu cotidiano, com conceitos e práticas vinculadas à Educação Física Adaptada e também à inclusão. Para tal, utilizamos uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e etnográfico, realizando entrevistas semiestruturadas com professores de Educação Física. Buscamos entender a atuação e métodos utilizados por estes docentes, na rede pública e privada, com relação à presença, em suas aulas, de alunos com e sem deficiência, saber quais são os recursos utilizados, o público atendido e o material humano presente na escola. Ao analisarmos as falas dos professores entrevistados, verificamos a aceitabilidade em trabalhar a inclusão, bem como o entendimento da importância da ajuda mútua. Percebemos nos dizeres desses educadores que a ausência de material específico não inibe sua prática pedagógica na proposição de atividades adaptadas para a inclusão dos alunos. Assim, notamos que vivenciar o conceito de inclusão e a realização de um trabalho com Educação Física Adaptada é algo que exige do professor uma didática que não se aprende nas universidades.

Palavras-chave: Educação Física Adaptada, Educação, Inclusão.

INTRODUÇÃO

A Educação Física refere-se a uma área de conhecimento denominada Cultura Corporal, que, segundo o Coletivo de Autores (1992), trata de atividades corporais, como o esporte, os jogos, as lutas, as ginásticas e as danças. Dentro de uma perspectiva pós-crítica, essas práticas assumem o *status* de textos que possuem significados oriundos do confronto entre diferentes grupos e setores da sociedade. Acontecendo dessa maneira, discursos existentes na sociedade fazem com que determinada prática seja considerada mais ou menos valorizada, seja vista como masculina ou feminina, dentre outras significações. O significado

¹ Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora/ MG, marcioedfisicaufjf@gmail.com

² Professor orientador: Doutorando, UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora/ MG andersonjfmgr@gmail.com



das práticas corporais não está inserido nelas mesmas, mas na ação do discurso que legitima ou não essas práticas. (GRAMORELLI; NEIRA, 2016).

Não é incomum, dentro do ambiente da Educação Física e também na sociedade, a valorização de conceitos vinculados à eficiência, como possuir um corpo forte, veloz e flexível, existindo uma série de discursos que valorizam essas características. Sendo assim, o que pensar daqueles indivíduos que fogem desse estereótipo, tanto na sociedade quanto na Educação Física? Será que tais conceitos se aplicam no ambiente escolar para todos os indivíduos que ali estão? Acreditamos que não. A escola deve propiciar um ambiente pedagógico que respeite as diferenças e que seja inclusivo.

Tendo em vista esse pressuposto, objetivamos, através do presente trabalho, entender como dois docentes de Educação Física, um da rede privada e outro da rede pública, atuam em relação à presença de alunos com deficiência em suas aulas. Para além desse objetivo principal, pretendemos também saber: que conceito de inclusão os docentes abordam em suas aulas? Como estas são organizadas em relação aos alunos com deficiência? São utilizados conceitos vinculados à Educação Física Adaptada? Os professores compreendem a importância de trabalhar a Educação Física Adaptada com alunos com ou sem deficiência? Como esta pode auxiliar no processo de inclusão das pessoas com deficiência no âmbito escolar? Quais metodologias são utilizadas na promoção da inclusão em suas aulas?

Após essas palavras iniciais sobre o que pretendemos abordar, faremos uma breve descrição dos caminhos metodológicos que seguimos.

METODOLOGIA

Usamos, nesta pesquisa, uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico e bibliográfico. Fizemos buscas na literatura disponível de conceitos vinculados à inclusão, à Educação Física Adaptada, à Educação Física escolar, dentre outros, para subsidiar as análises propostas. Além disso, imergimos no ambiente de duas escolas (uma pública e outra privada), analisando, através de entrevistas semiestruturadas, a prática de dois professores de Educação Física no que se refere à presença de alunos com deficiência em suas aulas.

A entrevista semiestruturada, segundo Manzini (2004), é direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, gravadas e transcritas, na íntegra, para facilitar o processo de análise dos dados, sendo o estudo conduzido em três diferentes momentos: primeiro, o



contato com as escolas, em seguida, o contato com os professores e, por fim, a aplicação dos instrumentos de pesquisa.

As coletas de dados foram realizadas no período compreendido entre os meses de outubro a dezembro de 2022. Buscou-se o entendimento do trabalho da Educação Física Adaptada, os recursos utilizados, o público atendido e o material humano presente nas escolas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de inclusão é algo central em nosso trabalho. No entanto, antes de adentrarmos sobre o que seria inclusão, se faz necessário conceituarmos o que seria integração:

O processo de integração ocorre dentro de uma estrutura educacional que oferece ao aluno a oportunidade de transitar no sistema escolar – da classe regular ao ensino especial – em todos os seus tipos de atendimento: escolas especiais, classes especiais em escolas comuns, ensino itinerante, sala de recursos e outros. Trata-se de uma concepção parcial, porque o sistema prevê serviços educacionais segregados. (MANTOAN, 2003, p. 15).

Em relação à inclusão, podemos afirmar que:

Quanto à inclusão, esta questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular. (MANTOAN, 2003, p. 16).

Dessa forma, a inclusão escolar parte do princípio de que todas as crianças podem aprender juntas e de que todas elas se beneficiam e aprendem melhor quando lhes é oferecida a oportunidade de aprender uma com a outra em um ambiente aberto e estimulador.

A deficiência pode ser física, mental e/ou sensorial. Os alunos com deficiência devem possuir atendimento educacional adaptado para que sua participação seja plena, eliminando barreiras e considerando suas necessidades específicas (BRASIL, 2007).

Nesta pesquisa, a prática da Educação Inclusiva será objeto de reflexão. Inicialmente, a discussão de uma educação que se pretenda inclusiva é a tentativa de atender a diversidade dos alunos, reconhecendo a existência das múltiplas diferenças, de classe social, de gênero, de etnia e de necessidades educacionais especiais, dentre outras. Princípios que norteiam essa proposta sugerem a reflexão de práticas pedagógicas baseadas em abordagens mais



diversificadas, flexíveis e colaborativas, quando comparadas ao ensino tradicional, “consiste no reconhecimento da necessidade de se caminhar rumo à ‘escola para todos’, um lugar que inclua todos os alunos, celebre a diferença, apoie a aprendizagem e responda às necessidades individuais” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1994).

É importante destacar, aqui, o conceito de diferença que norteia o presente trabalho. As diferenças tornaram-se centrais na teoria educacional pós-crítica e nas pedagogias oficiais. Quando se fala em diversidade, torna-se difícil a separação da identidade e da diferença, pois tendem a ser naturalizadas, cristalizadas.

Segundo Silva (2000), a princípio, é fácil definir identidade, pois é aquilo que se é: “Sou brasileiro”, “Sou negro”, por exemplo. Por esse prisma, parece ser fácil, uma característica independente, um fato autônomo. Nessa mesma linha, a diferença é tida como uma entidade independente, mas, em oposição, é aquilo que o outro é: “Ela é branca”, “Ela é italiana”. Da mesma forma, a identidade, tal como a diferença, existe.

Nessa perspectiva, é fácil percebermos que identidade e diferença estão em uma estreita dependência. Ao falarmos “Sou brasileiro” parece que nos referimos a uma identidade que se esgota em si mesma. Entretanto, só podemos fazer essa afirmação por existir outros seres humanos que não são brasileiros. Na verdade, tal afirmação é parte de uma cadeia de negações, de expressões negativas de identidade e diferenças. É preciso considerar que identidade e diferença são criações linguísticas. Elas são criadas por meio de atos de linguagem.

Nas palavras de Silva (2000, p. 97):

A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo em que é um problema pedagógico e curricular. É um problema social em um mundo heterogêneo, em que o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente é inevitável. É um problema pedagógico e curricular, não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular.

Trabalhar pedagogicamente entendendo que a diferença é algo inerente ao ser humano implica criar uma prática docente inclusiva que respeite cada aluno em sua individualidade. Dessa forma, a inclusão escolar deve partir do princípio de que todas as crianças podem aprender juntas e de que todas elas se beneficiam e aprendem melhor quando lhes é oferecida a oportunidade de aprender uma com a outra em um ambiente aberto e estimulador.

Sasaki (2004) nos diz que a Educação Inclusiva é o conjunto de princípios e procedimentos implementado pelos sistemas de ensino para adequar a realidade das escolas à realidade do alunado que, por sua vez, deve representar toda a diversidade humana. Para a



autora, nenhum tipo de aluno poderá ser rejeitado pelas escolas. Segundo ela, as escolas passam a ser chamadas “inclusivas” no momento em que decidem aprender com os alunos o que deve ser eliminado, modificado, substituído ou acrescentado nas seis áreas de acessibilidade: arquitetônica, atitudinal, comunicacional, metodológica, instrumental e programática.

Pensar em uma Educação Física inclusiva é pensar também em uma Educação Física Adaptada. Esta, incluída pelo Conselho Federal de Educação, em 1987, tem como principal objetivo entreter estudantes que possuam algum tipo de limitação física ou psicológica em atividades de esporte e lazer. De maneira geral, engloba uma série de conteúdos relacionados ao desenvolvimento motor e psicomotor de pessoas com necessidades especiais, abrangendo alunos superdotados, com síndromes neurológicas, entre outras.

A Educação Física Adaptada, ao ser aplicada, é uma forma de inclusão, pois é uma ferramenta pela qual o professor irá não só incluir o aluno com necessidades especiais na aula, como fazê-lo vivenciar as práticas pedagógicas e, assim, ajudá-lo em seu desenvolvimento integral, aprimorando suas habilidades.

Para que haja sucesso da aprendizagem, o professor deverá explorar possibilidades, talentos e predisposições atuais do aluno. As deficiências, dificuldades e limitações precisam ser reconhecidas, mas não devem restringir o processo de ensino. As escolas devem avaliar as inovações em seu projeto político pedagógico para julgarem a necessidade de programar propostas inclusivas na escola comum.

A Educação Física Adaptada, de modo geral, compreende uma série de conteúdos relacionados ao desenvolvimento motor e psicomotor de pessoas com necessidades especiais, abrangendo alunos superdotados, com síndromes neurológicas, entre outras.

Com efeito, a participação de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física Adaptada vai além da melhoria da qualidade de vida e promoção da saúde. Também possibilita comportamentos de interação social e afetiva, elementos essenciais para a sua relação com outros e formação como cidadão, uma vez que ocorre a eliminação de barreiras para a realização das atividades propostas e maior socialização com o meio em que o aluno está inserido. (LEHNHARD; MANTA; PALMA, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos objetivos traçados por este estudo, apresentamos a análise dos dados coletados e os resultados obtidos. A entrevista que fizemos com dois docentes de Educação



Física continha as seguintes questões: o que você considera ser inclusão e qual a importância desse conceito no ambiente escolar? Com quantos alunos com deficiência trabalha e que tipo de deficiência eles possuem? Como organiza as aulas? São realizadas atividades específicas para os alunos com deficiência, ou os alunos participam das atividades realizadas com a turma nas aulas de Educação Física? Você já utilizou, nas aulas, algum esporte adaptado? É importante a aplicação da Educação Física Adaptada nas aulas de Educação Física? Por quê? Você tem materiais específicos para trabalhar com os alunos com deficiência? Tem um professor que auxilia os alunos com deficiência durante as aulas? Você já fez cursos de formação na área de Educação Física Adaptada ou inclusão – cursos de curta duração, especializações, etc.? Você quer acrescentar algo que não falou ainda?

Quanto às características das amostras, foram entrevistados dois professores da rede de ensino da cidade de Itabira-MG, sendo um da rede pública e outro da rede privada. A primeira pergunta é um comparativo das respostas dos dois professores entrevistados sobre o que consideram ser inclusão e qual a importância desse conceito no ambiente escolar. Percebemos que os dois entrevistados entendem que é adaptar o ambiente para a pessoa com deficiência, não só no ambiente escolar, como na sociedade.

Na segunda questão, podemos enxergar que há uma percepção, pelo professor da escola pública, que além dos alunos com laudos médicos ainda existem outros que apresentam deficiências, porém, pela morosidade de diagnóstico, não há como trabalhar de forma adequada com esses alunos.

Isso mostra que ainda existe uma lacuna no ambiente da escola pública em atender os estudantes que ali estão. Se existem alunos que necessitam de um atendimento especializado, mas não possuem um laudo que especifique quais deficiências, o trabalho do professor se fundamenta em um “achismo”, um achar ou não que o aluno possui dificuldades por conta de aspectos relacionados a ele possuir ou não determinada deficiência. Sem esse conhecimento sobre os alunos que frequentam a escola, a qualidade do trabalho realizado na instituição escolar fica comprometida.

Em relação à questão de como o professor organiza suas aulas, o docente da rede pública trabalha através de um plano de ensino de Educação Física. Utiliza, nesse plano: jogos, recreação e lazer e esportes. Já o professor da rede privada utiliza as aulas de maneira que atenda a todos os alunos, fazendo as adaptações necessárias. Ambos expressaram como é importante a conscientização e o respeito.

Em relação às respostas referentes à realização de atividades específicas para alunos com deficiência, não é realizada nenhuma adaptação em especial, tanto pelo professor da



rede pública quanto pelo professor da rede privada, pois acreditam que fazendo as mesmas atividades, para alunos com e sem deficiência, há uma maior inclusão dos alunos. Os entrevistados enfatizaram que, sempre que possível, promoviam adaptações em atividades para que todos participassem, mas não exclusivamente para os alunos com deficiência.

Entendemos que o fato de os alunos participarem das aulas junto com seus pares é algo positivo. Separá-los e fazer atividades individualizadas para eles seria segregá-los. Eles devem participar das aulas dentro de suas possibilidades, integrando, de forma efetiva, o grupo a que pertencem e as atividades que são desenvolvidas para esse grupo.

Perguntados sobre quais jogos utilizavam. Foi citado, pelo professor da rede pública, o atletismo como uma modalidade com maior facilidade para adaptação (corrida de cego, com alunos vendados, arremesso de peso, com alunos sentados, entre outros). Segundo ele, levar a experiência no esporte, para as crianças, faz com que elas sintam a dificuldade e se coloquem no lugar do outro, “vivenciando” a deficiência de um colega.

Já o professor da rede privada argumenta que trabalha com educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, nos quais as atividades sempre são adaptadas, para estimular não só o esporte em si, mas o aumento do repertório motor. Ele utiliza pequenos jogos e jogos adaptados.

Pensando nessa fala desse docente, essa forma de trabalhar na Educação Infantil deveria se estender também ao Ensino Fundamental e Médio. Assim como foi dito anteriormente, é necessário que as aulas atendam a todos que estão no ambiente escolar. A todos deve ser dado o direito de participação efetiva no que é realizado na escola, independentemente de sua habilidade, de sua altura, de sua força física, de sua idade, de sua cor, de suas diferenças. É importante valorizar todos os alunos, respeitando suas especificidades.

Quando se fala em materiais específicos para trabalhar com alunos com deficiência, é notório que tanto a escola pública quanto a escola privada não possuem estes materiais. Pelo visto, não é importante para as instituições escolares, por possuírem número mínimo de deficientes, realizarem compra de materiais que facilitem o trabalho com estas crianças. Qualquer indivíduo que necessite de um tratamento individualizado, que se difere dos demais, acaba sendo deixado de lado, pela falta de investimento em materiais que tornem mais fácil a sua aprendizagem.

Observando as respostas dos professores quanto à presença de um professor de apoio: o professor da rede pública entende não ser necessário esse acompanhamento em suas atividades. Acredita que sem a presença desse apoio trabalha-se melhor a autonomia dos



alunos com deficiência. Já o professor da rede privada entende que a presença de um professor de apoio é importante quando a deficiência é mais severa. Na maioria das vezes, não veem a necessidade da presença de outro educador para auxiliar no trabalho com alunos com deficiência.

A Educação Física é uma disciplina que se difere das demais disciplinas que compõe o currículo escolar por uma série de fatores. Os materiais utilizados são diferentes, as atividades costumam acontecer em um ambiente aberto, a utilização do aspecto lúdico é uma constante, dentre outros fatores. Quando se tem um professor de apoio na escola, este normalmente é vinculado à pedagogia ou áreas afins. Sendo assim, costumam não possuir intimidade com as atividades que acontecem dentro da Educação Física. Acreditamos ser esse um dos fatores que fazem com que os docentes entrevistados não considerem ser tão importante a presença de um professor de apoio.

Observando a questão sobre formação continuada, nota-se que o professor da escola pública faz adaptações pela experiência vivida em seu trabalho na Associação de Pais e Alunos Especiais, ou seja, não se capacitou com cursos atinentes ao trabalho com pessoa com deficiência. Já o professor da rede privada se capacitou com alguns cursos. Em análise do trabalho dos dois professores, observa-se que há semelhança nas aulas, com a adaptação dos esportes. Mesmo havendo diferenças na formação desses educadores, notamos que isso não fez com que a prática dos dois fosse substancialmente diferente nas abordagens que utilizam. Apesar de existir peculiaridades, eles adotaram propostas que possuíam mais semelhanças que distanciamentos. Isso nos leva a pensar que a formação que os professores desenvolveram através de seu cotidiano profissional foi tão importante quanto a formação que eles realizaram por meio de cursos. Esclarecemos que não somos contrários a uma formação continuada. Entendemos que ela é essencial para que o professor repense a sua prática pedagógica, trazendo novos elementos para essa prática. O fato de os professores mencionados terem experiências semelhantes mesmo com uma formação continuada diferente teria que ser investigado mais a fundo, no entanto, isso ultrapassaria os limites do presente trabalho.

No quesito sugerir algo para a inclusão dos alunos nas aulas de Educação Física, o professor da rede pública acredita que é preciso mais políticas públicas para a inclusão não só dos alunos como também de outras crianças e jovens. Já o professor da escola privada acredita que o esporte deveria ser utilizado não só para competições, mas para questões sociais.

Ao verificarmos as respostas dos professores, percebemos que eles utilizaram as palavras inclusão, participação e respeito. Também citaram o desenvolvimento motor, a



autonomia e a participação de colegas de sala. Enfatizaram a importância do trabalho com os alunos sem deficiência, da inclusão, da ajuda mútua.

Em análise sobre a percepção dos professores de Educação Física no que se refere à Educação Física Adaptada para alunos com e sem deficiência, nota-se que são receptivos para trabalharem esse conteúdo em suas aulas. Verifica-se que são adeptos a essa Educação Física, pois dessa forma aplicam a inclusão dos alunos, principalmente, dos alunos sem deficiência.

Percebemos, pelas respostas na entrevista, a dificuldade que tanto o professor de escola pública quanto da rede privada possuíam para trabalhar a Educação Física Adaptada sem nenhum material específico. Notamos que essa falta de material não inibiu os docentes de fazer abordagens, propor atividades, adaptando-as para participação de todos os alunos, e, com isso, estimular a inclusão.

A fala de um dos docentes que “o professor de Educação Física já fica satisfeito quando tem material” remete a um sério problema das escolas públicas brasileiras, nas quais o professor de Educação Física não conta com materiais para realizar as suas aulas, sendo a Educação Física tratada, no ambiente escolar, de maneira secundária, se comparada às demais disciplinas escolares.

Os professores entrevistados destacaram a ausência de políticas públicas em relação à implementação da Educação Física Adaptada no ambiente escolar e também a necessidade da existência de uma visão vinculada ao esporte inclusivo na escola e não somente uma visão voltada para o esporte competitivo.

Analisando a vivência dos dois docentes, podemos chegar à conclusão que experienciar o conceito de inclusão no ambiente escolar e realizar um trabalho com uma Educação Física Adaptada exige do professor algo que está além de sua formação universitária. É algo que se forma e se transforma no chão da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise das respostas oriundas das entrevistas, conclui-se que a percepção dos profissionais de Educação Física para o desenvolvimento da Educação Física Adaptada, para alunos com ou sem deficiência nas escolas onde lecionam, se realiza maneira inclusiva, ou seja, nas atividades adaptadas, há participação de toda a turma. Segundo os relatos, há uma interação entre todos os alunos, deficientes ou não, participando das atividades, o que é muito positivo para a inclusão nas aulas e no ambiente escolar.



Importante detecção nas falas dos profissionais é a falta de material de apoio para os trabalhos com os alunos, o que dificulta muito a realização das atividades. Parece que há certo desinteresse dos órgãos públicos, e também das direções das escolas, em adquirir esses materiais.

Um fato a ser considerado é a falta de uma formação continuada para se trabalhar com a inclusão. Nos relatos aqui expostos, os professores adaptam as atividades mais por experiência no trabalho, do que por conhecimento técnico. Mesmo o docente da escola particular afirmando que realizou cursos na área de inclusão, isso não apareceu de forma expressiva em sua prática escolar.

Entendemos que é necessário que o professor se atualize através de cursos de formação, no entanto, muitas vezes, a extensa jornada de trabalho, a falta de acesso a uma internet de qualidade ou até mesmo a falta de vontade do professor dificultam a formação continuada. E, dessa maneira, o trabalho na escola é produzido e reproduzido mais pela experiência docente, do que por uma experiência acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, B. C. **Esporte adaptado**: um estudo acerca da percepção e metodologias dos professores de educação física nas escolas de Tocantinópolis-TO. 2019. 47 f. Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física, UFT, Tocantinópolis, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/1599>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BELTRAME, A. L. N.; SAMPAIO, T. M. V. **Atendimento especializado em esporte adaptado**: discutindo a iniciação esportiva sob a ótica da inclusão. **Revista da Educação Física / UEM**, Maringá, v. 26, n. 3, p. 377-388, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i3.24990>. Acesso em: 22 out. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo grupo de trabalho nomeado pela portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro, de 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2022.

DIEHL, R. M. **Jogando com as diferenças**: jogos para crianças e jovens com deficiência. São Paulo: Phorte, 2006.



GRAMORELLI, L. C.; NEIRA, M. G. **Concepções de cultura corporal e seus reflexos no ensino da Educação Física**. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org). **Educação Física Cultural**. São Paulo: Ed. Blucher, 2016.

LEHNHARD, G. R.; MANTA, S. W.; PALMA, L. E. A prática de atividade física na história de vida de pessoas com deficiência física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 45-56, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/PBxRgtfTdX73PFqqkFfhCcw/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 01 nov. 2022.

MANTOAN, M. T. É. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

SALERNO, M. B.; ARAÚJO, P. F. Esporte adaptado como tema da educação física escolar. **Conexões**, Campinas, v. 6, p. 212-221, 10 jun. 2008. Semestral. Disponível em: <http://polaris.bc.unicamp.br/seer/feef/viewarticle.php?id=298&layout=abstract>. Acesso em: 21 nov. 2022.

SASSAKI, R. K. **Educação Inclusiva: princípios, parâmetros, premissas e procedimentos**. In: FERREIRA, Eliana Lúcia (Org.). **Atividade física para pessoas com deficiência física: aspectos sócio-culturais da deficiência**. 2. ed. Niterói: Intertexto, 2011. p. 199-226.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. In: HALL, Stuart. **Woodward Kathryn**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 72-102.

SOARES, J. A. P.; ARANHA, A. C. M.; ANTUNES, H. R. L. Relação entre os setores de prática desportiva, as modalidades desportivas e o aproveitamento escolar. **Motricidade**, v. 9, n. 3, p. 3-11, 30 set. 2013.